

Edson Antoni

O CLUBE DO MISTÉRIO

Ilustrações Manoel Veiga



edelbra

Edson Antoni

O CLUBE DO MISTÉRIO

Ilustrações Manoel Veiga

ED DELIBERRA

*Aos meus filhos Eduardo e Pedro,
parceiros e inspiradores desta
e de tantas outras histórias.*



Naquela tarde, as coisas aconteciam como sempre aconteceram no quintal da casa de Laura, no alto da Rua das Figueiras: era mais uma reunião dos membros do Clube do Mistério. Após saborearem os bolinhos deliciosos da Vó Letícia e jogarem alguma conversa fora, era hora de cada membro do Clube se dedicar ao seu passatempo favorito.

Ana e Frederico, como sempre, estavam pelo jardim, correndo atrás de pássaros, capturando insetos ou subindo em árvores. Para esses dois, um dia deveria ter muito mais que 24 horas.

Laura estava no seu espaço preferido, um cantinho daquela bela casa na árvore, considerada a sede oficial do Clube do Mistério, organizando instrumentos e ingredientes para iniciar mais uma de suas poções. Como cresceu ouvindo histórias dos seus ancestrais indígenas, ela adora inventar novas poções, misturar ervas, tintas e tudo mais que caiba naquela grande bacia que, para ela, é um enorme e poderoso caldeirão.

Francisco continuava envolvido com as suas expedições arqueológicas. Seja vasculhando o quintal ou o terreno do vizinho – onde havia um enorme casarão abandonado –, ele está sempre em busca de um tesouro, de cidades perdidas ou de fósseis de dinossauros.

Foi então que aconteceu. Naquela tarde, enquanto escavava o terreno do antigo casarão, ao retirar mais um punhado de terra, surgiu algo inesperado diante de Francisco. Era algo muito diferente de tudo o que ele já tinha visto.

— Pessoal, pessoal! Corram aqui! Acho que encontrei alguma coisa importante!

Como não poderia ser diferente, Ana foi a primeira a chegar. Ao ouvir Francisco chamando, sem pensar duas vezes, ela pulou lá de cima da árvore onde brincava. Cruzou o pátio e se colocou junto à pequena cerca que dividia as duas propriedades. Ao se deparar com a descoberta do amigo, Ana saiu anunciando a novidade aos demais:

– Tesouro de pirata! O Chico encontrou um tesouro de pirata!





CLUBE DO MISTERIO

Francisco deixou o terreno do antigo casarão e se colocou junto ao pé da árvore que sustenta a sede do Clube. Logo, todos estavam reunidos diante do estranho objeto. E todos concordavam que parecia uma garrafa, mas havia algo que a diferenciava de todas as garrafas que eles conheciam.

– Como assim, uma garrafa de barro? – disse Frederico.

– Isso não existe! Todos sabem que garrafas são de plástico.

– Também existem garrafas de vidro – afirmou Laura.

– Tá bom! Garrafas de plástico e de vidro, tudo bem. Agora, garrafa de barro?! Isso não existe! – concluiu Frederico.

– Já sei! – Ana gritou. – Fizemos uma grande e incrível descoberta. É um tesouro de pirata. Sim, só pode ser de pirata! Posso até ver um grande navio com aqueles homens assustadores, de barba e grandes espadas, com seus tapa-olhos e garrafas de barro cheias de uma bebida fedorenta.

– Mas, Ana, será que existiram piratas aqui? Estamos tão longe do mar e, além disso, não vivemos numa ilha, e era nas ilhas que os piratas escondiam seus tesouros. – Francisco jogou água fria na empolgação da amiga.

– Pessoal, olha só! Tem alguma coisa escrita aqui embaixo, no fundo da garrafa. Diz: “Fritzen – 1934”. O que será que isso significa? – indagava Laura, que analisava com atenção o achado.

– Bom, essa garrafa pode até não ser um tesouro de pirata, mas estou certa de que isso aí que está escrito é uma pista para acharmos o fio desse mistério. – Ana estava animada com a descoberta.

Após alguns instantes de um silêncio quase absoluto, de olhos curiosos mirando aquele objeto e de mil pensamentos terem ocupado cada uma daquelas mentes borbulhantes de tantas ideias, Frederico sugeriu:

– Pessoal! Vamos levar a nossa garrafa para o Tio Alberto e ver se ele pode nos ajudar a descobrir alguma coisa.

Os quatro amigos cruzaram o jardim, deixaram a casa de Laura e se dirigiram para a banca de revistas do Tio Alberto, que ficava do outro lado da rua. O Tio Alberto era o único adulto que sabia da existência do Clube do Mistério e, por isso, ele era uma espécie de conselheiro do grupo. Era na sua banca que os membros do Clube buscavam informações para solucionar os mistérios que apareciam. Não era incomum que ele emprestasse alguns livros e revistas, ou ainda indicasse sites para as pesquisas que cada membro do Clube inventava.





– Calma, calma! Bom dia, crianças. Por que tanta agitação? Podem falar um de cada vez? – Tio Alberto se divertia com aquela empolgação.

– Nós achamos um tesouro de piratas. Ou talvez uma pista para acharmos o tesouro – Ana anunciou.

– Deixem-me ver. – Tio Alberto entrou no clima para, em seguida, esfriar os ânimos. – Bom, crianças, infelizmente eu preciso dizer a vocês que eu não acredito que isso seja um tesouro de piratas.

– Então quer dizer que isso não vale nada?! Não é importante?! – lamentou-se Frederico.

– De forma alguma, Fred! O que eu disse é que não parece ser um tesouro de pirata, mas isso não quer dizer que a descoberta de vocês não seja importante. Ela pode, inclusive, mudar algumas coisas na vida de cada um de vocês.

– Como assim, Tio Alberto? Como uma garrafa de barro que nós encontramos no jardim do casarão abandonado pode mudar a vida da gente? – perguntou Francisco.

Tio Alberto sentou-se em sua cadeira em frente à banca de revistas, à sombra de uma grande figueira e explicou.

– Sempre que nós descobrimos algo, ou aprendemos algo novo, nós nos transformamos. A nossa forma de ver o mundo muda e, assim, nós mudamos também.

– Tio Alberto, eu estou curiosa! Por que essa garrafa é feita de barro e tem esse formato tão diferente? Quem será

que inventou essa garrafa? O que ela fazia enterrada no jardim do casarão? Será que existem outras iguais a ela? – Laura não conseguia se conter, era uma máquina de fazer perguntas. Mal acabava uma, outra já surgia.

– Bom, eu não tenho todas essas respostas, mas acho que, juntos, vocês podem descobrir muitas coisas. Por exemplo, este nome e o número que você, Lala, encontrou inscritos no fundo da garrafa, já podem ser pistas importantes. Este nome tão diferente pode ser de uma família. Talvez uma família de imigrantes. O número pode ser do ano em que a garrafa foi fabricada.

– Ou alguém pode ter deixado a garrafa enterrada como uma espécie de mensagem para “grandes exploradores do futuro”, para que eles pudessem encontrar um tesouro maior ainda! – Ana, definitivamente, estava convencida de que aquela garrafa levaria a um grande tesouro.

– Vejam só! Acho que tenho algo que pode ajudar. Vocês não encontrarão todas as respostas que estão buscando, mas acredito que pode servir como fonte para novas pistas. Afinal, estou percebendo, pela animação de vocês, que esta será mais uma missão para o Clube do Mistério. – Tio Alberto entrou na banca e, do fundo de uma gaveta, retirou um pequeno e antigo cartão-postal que trazia a imagem da Rua das Figueiras.